

«A ESCRAVA»  
ISAURA

A decorative flourish consisting of a long, sweeping curve that starts under the 'I' and ends under the 'A', with a small loop at the end.



BERNARDO GUIMARÃES



A ESCRAVA  
ISAURA



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural  
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Texto  
Bernardo Guimarães

Produção editorial e projeto gráfico  
Ciranda Cultural

Revisão  
Mirtes Ugeda Coscodai  
Mariana Paschoal

Imagens  
Zubada/shutterstock.com;  
Roberto Castillo/shutterstock.com

Diagramação  
Linea Editora

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**

G963e Guimarães, Bernardo

A escrava Isaura / Bernardo Guimarães. - Jandira, SP : Principis, 2021.  
176 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Clássicos da literatura)

ISBN: 978-65-5552-224-2

1. Literatura brasileira. 2. Romance. I. Título. II. Série.

2020-2876

CDD 869.89923

CDU 821.134.3(81)-31

**Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410**

#### **Índice para catálogo sistemático:**

1. Literatura brasileira : Romance 869.89923
2. Literatura brasileira : Romance 821.134.3(81)-31

1ª edição em 2021

[www.cirandacultural.com.br](http://www.cirandacultural.com.br)

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.



# Capítulo 1

Era nos primeiros anos do reinado do senhor D. Pedro II. No fértil e opulento município de Campos de Goytacazes, à margem do Paraíba, a pouca distância da vila de Campos, havia uma linda e magnífica fazenda. Era um edifício de harmoniosas proporções, vasto e luxuoso, situado em aprazível vargado ao sopé de elevadas colinas cobertas de mata em parte devastada pelo machado do lavrador. Longe em derredor a natureza ostentava-se ainda em toda a sua primitiva e selvática rudeza; mas por perto, em torno da deliciosa vivenda, a mão do homem tinha convertido a bronca selva, que cobria o solo, em jardins e pomares deleitosos, em gramais e pingues pastagens, sombreadas aqui e acolá por gameleiras gigantescas, perobas, cedros e copaíbas, que atestavam o vigor da antiga floresta. Quase não se via aí muro, cerca nem valado; jardim, horta, pomar, pastagens e plantios circunvizinhos eram divididos por viçosas e verdejantes sebes de bambus, piteiras, espinheiros e gravatás, que davam ao todo o aspecto do mais aprazível e delicioso vergel.

A casa apresentava a frente às colinas. Entrava-se nela por um lindo apndre todo enredado de flores trepadeiras, ao qual subia-se por uma escada de cantaria de seis a sete degraus. Os fundos eram ocupados por outros edifícios acessórios, senzalas, pátios, currais e celeiros, por trás dos

quais se estendia o jardim, a horta, e um imenso pomar, que ia perder-se na barranca do grande rio.

Era uma linda e calma tarde de outubro. O Sol não era ainda posto e parecia boiar no horizonte suspenso sobre rolos de espuma de cores cambiantes orlados de ouro. A viração saturada de balsâmicos eflúvios se espreguiçava ao longo das ribanceiras acordando apenas frouxos rumores pela copa dos arvoredos, e fazendo farfalhar de leve o tope dos coqueiros, que se miravam garbosos nas lúcidas e tranquilas águas da ribeira.

Corria um belo tempo; a vegetação reanimada por moderadas chuvas ostentava-se fresca, viçosa e luxuriante; a água do rio ainda não turvada pelas grandes enchentes, rolando com majestosa lentidão, refletia em toda a pureza os esplêndidos coloridos do horizonte, e o nítido verdor das selvosas ribanceiras. As aves, dando repouso às asas fatigadas do contínuo voejar pelos pomares, prados e baledos vizinhos, começavam a preludiar seus cantos vespertinos.

O clarão do Sol poente por tal sorte abraseava as vidraças do edifício, que esse parecia estar sendo devorado pelas chamas de um incêndio interior. Entretanto, quer no interior, quer em derredor, reinava fundo silêncio e perfeita tranquilidade. Bois truculentos e médias novilhas deitadas pelo gramal ruminavam tranquilamente à sombra de altos troncos. As aves domésticas grasnavam em torno da casa, balavam as ovelhas e mugiam algumas vacas, que vinham por si mesmas procurando os currais; mas não se ouvia nem se divisava voz nem figura humana. Parecia que ali não se achava morador algum. Somente as vidraças arregaçadas de um grande salão da frente e os batentes da porta da entrada, abertos de par em par, denunciavam que nem todos os habitantes daquela suntuosa propriedade se achavam ausentes.

A favor desse quase silêncio harmonioso da natureza ouvia-se distintamente o arpejo de um piano casando-se a uma voz de mulher, voz melodiosa, suave, apaixonada e do timbre o mais puro e fresco que se pode imaginar.

Posto que um tanto abafado, o canto tinha uma vibração sonora, ampla e volumosa, que revelava excelente e vigorosa organização vocal. O tom

velado e melancólico da cantiga parecia gemido sufocado de uma alma solitária e sofredora.

Era essa a única voz que quebrava o silêncio da vasta e tranquila vida. Por fora tudo parecia escutá-la em místico e profundo recolhimento.

As coplas, que cantava, diziam assim:

*Desde o berço respirando  
Os ares da escravidão,  
Como semente lançada  
Em terra de maldição,  
A vida passo chorando  
Minha triste condição.*

*Os meus braços estão presos,  
A ninguém posso abraçar,  
Nem meus lábios, nem meus olhos  
Não podem de amor falar;  
Deume Deus um coração  
Somente para penar.*

*Ao ar livre das campinas  
Seu perfume exala a flor;  
Canta a aura em liberdade  
Do bosque o alado cantor;  
Só para a pobre cativa  
Não há canções, nem amor.*

*Calate, pobre cativa;  
Teus queixumes crimes são;  
E uma afronta esse canto,  
Que exprime tua aflição.  
A vida não te pertence,  
Não é teu teu coração.*

As notas sentidas e maviosas daquele cantar escapando pelas janelas abertas e ecoando ao longe em derredor, dão vontade de conhecer a sereia que tão lindamente canta. Se não é sereia, somente um anjo pode cantar assim.

Subamos os degraus que conduzem ao alpendre, todo engrinaldado de viçosos festões e lindas flores, que serve de vestíbulo ao edifício. Entremos sem cerimônia. Logo à direita do corredor encontramos aberta uma larga porta que dá entrada à sala de recepção, vasta e luxuosamente mobiliada. Acha-se ali sozinha e sentada ao piano uma bela e nobre figura de moça. As linhas do perfil desenham-se distintamente entre o ébano da caixa do piano e as bastas madeixas ainda mais negras do que ele. São tão puras e suaves essas linhas que fascinam os olhos, enlevam a mente e paralisam toda análise. A tez é como o marfim do teclado, alva que não deslumbra, embaçada por uma nuança delicada, que não sabereis dizer se é leve palidez ou cor-de-rosa desmaiada. O colo donoso e do mais puro lavor sustenta com graça inefável o busto maravilhoso. Os cabelos soltos e fortemente ondulados se despenham caracolando pelos ombros em espessos e luzidios rolos, e como franjas negras escondem quase completamente o dorso da cadeira, a que se achava recostada. Na frente calma e lisa como mármore polido, a luz do ocaso esbatia um róseo e suave reflexo; misteriosa lâmpada de alabastro guardando no seio diáfano o fogo celeste da inspiração. Tinha a face voltada para as janelas, e o olhar vago pairava pelo espaço.

Os encantos da gentil cantora eram ainda realçados pela singeleza, e diremos quase pobreza, do modesto trajar. Um vestido de chita ordinária azul-claro desenhava perfeitamente com encantadora simplicidade o porte esbelto e a cintura delicada, e se desdobrando em amplas ondulações parecia uma nuvem, do seio da qual se erguia a cantora como Vênus nascendo da espuma do mar, ou como um anjo surgindo dentre brumas vaporosas. Uma pequena cruz de azeviche presa ao pescoço por uma fita preta constituía o seu único ornamento.

Apenas terminado o canto, a moça ficou um momento a cismar com os dedos sobre o teclado como escutando os derradeiros ecos da sua canção.

## A ESCRAVA ISAURA

Entretanto, abre-se sutilmente a cortina de casa de uma das portas interiores, e uma nova personagem penetra no salão. Era também uma formosa dama ainda no viço da mocidade, bonita, bem feita e elegante. A riqueza e o primoroso esmero do trajar, o porte altivo e senhoril, certo balanceio afetado e langoroso dos movimentos davam-lhe esse ar pretensioso que acompanha toda moça bonita e rica, ainda mesmo quando está sozinha. Mas com todo esse luxo e donaire de grande senhora nem por isso sua grande beleza deixava de ficar algum tanto eclipsada em presença das formas puras e corretas, da nobre singeleza, e dos tão naturais e modestos ademanos da cantora. Todavia Malvina era linda, encantadora mesmo, e posto que vaidosa de sua formosura e alta posição, transluzia-lhe nos grandes e meigos olhos azuis toda a nativa bondade de seu coração.

Malvina aproximou-se de manso e sem ser presentida para junto da cantora, colocando-se por detrás dela esperou que terminasse a última copla.

– Isaura!... – chamou ela, pousando de leve a delicada mãozinha sobre o ombro da cantora.

– Ah! é a senhora?! – respondeu Isaura, voltando-se sobressaltada.  
– Não sabia que estava aí me escutando.

– Pois que tem isso?... Continua a cantar... tens a voz tão bonita!... Mas eu antes quisera que cantasses outra coisa; por que é que você gosta tanto dessa cantiga tão triste, que você aprendeu não sei onde?...

– Gosto dela porque a acho bonita e porque... ah! não devo falar...

– Fala, Isaura. Já não te disse que nada me deves esconder, e nada reccar de mim?...

– Porque me faz lembrar de minha mãe, que eu não conheci, coitada!... Mas se a senhora não gosta dessa cantiga, não a cantarei mais.

– Não gosto que a cantes, não, Isaura. Hão de pensar que és maltratada, que és uma escrava infeliz, vítima de senhores bárbaros e cruéis. Entretanto passas aqui uma vida que faria inveja a muita gente livre. Gozas da estima de teus senhores. Deram-te uma educação como não tiveram muitas ricas e ilustres damas que eu conheço. És formosa, tens uma cor linda, e

ninguém dirá que gira em tuas veias uma só gota de sangue africano. Bem sabes quanto minha boa sogra antes de expirar te recomendava a mim e a meu marido. Hei de respeitar sempre as recomendações daquela santa mulher, e tu bem vês, sou mais tua amiga do que tua senhora. Oh! não; não cabe em tua boca essa cantiga lastimosa, que tanto gostas de cantar. Não quero – continuou em tom de branda repreensão –, não quero que a cantes mais, ouviste, Isaura?... se não, fecho-te o meu piano.

– Mas, senhora, apesar de tudo isso, que sou eu mais do que uma simples escrava? Essa educação que me deram, e essa beleza que tanto me gabam, de que me servem?... São trastes de luxo colocados na senzala do africano. A senzala nem por isso deixa de ser o que é: uma senzala.

– Queixas-te da tua sorte, Isaura?...

– Eu não, senhora; não tenho motivo... O que quero dizer com isto é que, apesar de todos esses dotes e vantagens que me atribuem, sei conhecer o meu lugar.

– Anda lá; já sei o que te amofina; a tua cantiga bem o diz. Bonita como és, não podes deixar de ter algum namorado.

– Eu, senhora!... Por quem é, não pense nisso.

– Tu mesma; pois que tem isso?... Não te vexes; pois é alguma coisa do outro mundo? Vamos já, confessa; tens um amante e é por isso que lamentas não teres nascido livre para poder amar aquele que te agradou e a quem caíste em graça, não é assim?...

– Perdoe-me, sinhá Malvina –, replicou a escrava com um cândido sorriso. – Está muito enganada; estou tão longe de pensar nisso!

– Qual longe!... Não me enganas, minha rapariguinha!... Tu amas e és mui linda e bem prendada para te inclinares a um escravo; só se fosse um escravo como tu és, o que duvido que haja no mundo. Uma menina como tu bem pode conquistar o amor de algum guapo mocetão, e eis aí a causa da choradeira de tua canção. Mas não te aflijas, minha Isaura; eu te protesto que amanhã mesmo terás a tua liberdade; deixa Leôncio chegar, é mesmo uma vergonha que uma rapariga como tu se veja ainda na condição de escrava.

## A ESCRAVA ISAURA

– Deixe-se disso, senhora; eu não penso em amores e muito menos em liberdade; às vezes fico triste à toa, sem motivo nenhum...

– Não importa. Sou eu quem quero que sejas livre, e há de sê-lo.

Neste ponto a conversação foi cortada por um tropel de cavaleiros que chegavam e apeavam-se à porta da fazenda.

Malvina e Isaura correram à janela a ver quem eram.



## Capítulo 2

Os cavaleiros, que acabavam de apear-se, eram dois belos e elegantes mancebos que chegavam da vila de Campos. Do modo familiar por que foram entrando, logo se depreendia que era gente de casa. De feito um era Leôncio, marido de Malvina; e outro Henrique, irmão dela.

Antes de irmos adiante forçoso nos é travar conhecimento mais íntimo com os dois jovens cavaleiros.

Leôncio era filho único do rico e magnífico comendador Almeida, proprietário da bela e suntuosa fazenda em que nos achamos. O comendador, já bastante idoso e cheio de enfermidades, depois do casamento de seu filho, que tivera lugar um ano antes da época em que começa esta história, havia-lhe abandonado a administração e usufruto da fazenda e vivia na corte, onde procurava alívio ou distração aos achaques que o atormentavam.

Leôncio achara desde a infância nas larguezas e facilidades de seus pais amplos meios de corromper o coração e extraviar a inteligência. Mau aluno e criança incorrigível, turbulento e insubordinado, andou de colégio em colégio e passou como gato por brasas por cima de todos os preparatórios, cujos exames todavia sempre salvara à sombra do patronato. Os mestres

não se atreviam a dar ao nobre e munificente comendador o desgosto de ver seu filho reprovado. Matriculado na escola de medicina logo no primeiro ano enjoou-se daquela disciplina, e como seus pais não sabiam contrariá-lo, foi-se para Olinda a fim de frequentar o curso jurídico. Ali depois de ter dissipado não pequena porção da fortuna paterna na satisfação de todos os seus vícios e loucas fantasias, tomou tédio também aos estudos jurídicos, e acreditou que só na Europa poderia desenvolver dignamente a sua inteligência e saciar a sua sede de saber em puros e abundantes mananciais. Assim escreveu ao pai, que lhe deu crédito e o enviou a Paris, donde esperava vê-lo voltar feito um novo Humboldt. Instalado naquele vasto pandemônio do luxo e dos prazeres, Leôncio raras vezes, e só por desfastio, ia ouvir as eloquentes preleções dos exímios professores da época, e nem tampouco era visto nos museus, institutos e bibliotecas. Em compensação era assíduo frequentador do Jardim Mabile, assim como de todos os cafés e teatros mais em voga, e tornara-se um dos mais afamados e elegantes leões dos bulevares. No fim de alguns anos, ora de residência em Paris, ora de giros recreativos pelas águas e pelas principais capitais da Europa, tinha ele tão copiosa e desapiedadamente sangrado a bolsa paterna, que o comendador, a despeito de toda a sua condescendência e ternura para com seu único e querido filho, viu-se na necessidade de revocá-lo à sombra dos pátrios lares a fim de evitar uma completa ruína. Mas, mesmo assim, para não o magoar colhendo-lhe súbita e rudemente as rédeas na carreira dos desvarios e dissipações, assentou de atraí-lo suavemente acenando-lhe com a perspectiva de um rico e vantajosíssimo casamento.

Leôncio pegou na isca e voltou à pátria um perfeito dândi, gentil e elegante como ninguém, trazendo de suas viagens, em vez de conhecimentos e experiência, enorme dose de fatuidade e petulância e um tão perfeito traquejo da alta sociedade, que o tomaríeis por um príncipe. Mas o pior era que trazia o cérebro vazio e voltava com a alma corrompida e o coração estragado por hábitos de devassidão e libertinagem. Alguns bons e generosos instintos, de que o dotara a natureza, haviam-se apagado em seu coração ao roçar de péssimas doutrinas confirmadas por exemplos ainda piores.

De volta da Europa, Leôncio contava vinte e cinco anos. O pai advertiu-lhe com palavras insinuantes e jeitosas, que já era tempo de se empregar em alguma coisa, de abraçar alguma carreira; que já se tinha aproveitado da bolsa paterna mais do que era preciso para sua educação, e que era mister ir aprendendo se não a aumentar, ao menos a conservar uma fortuna, à testa da qual teria de achar-se mais tarde ou mais cedo. Depois de muita hesitação, Leôncio optou enfim pela carreira do comércio que lhe pareceu ser a mais independente e segura de todas; mas as suas ideias largas e audaciosas a este respeito aterraram o bom do comendador. O comércio de importação e exportação de gêneros, mesmo em larga escala, o próprio tráfico de africanos, pareciam-lhe especulações degradantes e impróprias de sua alta posição e esmerada educação. O negócio de balcão e a retalho, esse inspirava-lhe asco e compaixão. Só lhe convinham as altas especulações cambiais, as operações bancárias e transações em que jogasse com avultados capitais. Só assim poderia duplicar em pouco tempo a fortuna paterna. Com o que tinha observado na Bolsa de Paris e em outras praças europeias, presumia-se com habilitação bastante para dirigir as operações do mais importante estabelecimento bancário, ou as mais grandiosas empresas industriais.

O pai, porém, não se animou a confiar sua fortuna aos azares especulativos daquele financeiro em botão e que até ali só tinha dado provas de grande talento para consumir, em pouco tempo e em pura perda, somas consideráveis. Resolveu, portanto, não tocar mais naquele assunto, esperando que o mancebo criasse mais algum juízo.

Vendo que seu pai se esquecia completamente dos planos de criar-lhe um pecúlio próprio, Leôncio olhou para o casamento como o meio suave e natural de adquirir fortuna, como a única carreira que se lhe oferecia para ter dinheiro e esbanjar a seu bel-prazer.

Malvina, a formosa filha de um riquíssimo negociante da corte, amigo do comendador, já estava destinada a Leôncio por comum acordo e aquiescência dos pais de ambos. A família do comendador foi à corte; os moços viram-se, amaram-se e casaram; foi coisa de poucos dias. Pouco

tempo depois de seu casamento, Leôncio passou pelo desgosto de perder sua mãe por um golpe inesperado. Essa boa e respeitável senhora não tinha sido muito feliz nas relações da vida íntima com seu marido, que, como homem de coração árido e frio, desconhecia as santas e puras delícias da afeição conjugal, e com suas libertinagens e devassidões dilacerava cotidianamente o coração de sua esposa. Para cúmulo de males tinha ela perdido ainda na infância todos os seus filhos, ficando-lhe só Leôncio. Lastimava-se principalmente por não lhe ter deixado o céu ao menos uma filha, que lhe servisse de companhia e consolação em sua desolada velhice. Quis entretanto a sorte deparar-lhe em sua própria casa uma tal ou qual compensação a seus infortúnios em uma frágil criatura, que veio de alguma sorte encher o vácuo que sentia em seu bondoso e terno coração, e tornar menos triste e solitário o lar, em que passava os dias tão monótonos e enfadonhos.

Havia nascido em sua casa uma pequena escrava, a qual desde o berço atraiu por sua graça, gentileza e vivacidade toda a atenção e solicitude da boa velha.

Isaura era filha de uma linda mulata, que fora por muito tempo a mucama favorita e a criada fiel da esposa do comendador. Este, que como homem libidinoso e sem escrúpulos olhava as escravas como um serrallo à sua disposição, lançou olhos cobiçosos e ardentes de lascívia sobre a gentil mucama. Por muito tempo resistiu ela às suas brutais solicitações; mas por fim teve de ceder às ameaças e violências. Tão torpe e bárbaro procedimento não pôde por muito tempo ficar oculto aos olhos de sua virtuosa esposa, que com isso concebeu mortal desgosto.

Acabrunhado por ela das mais violentas e amargas exprobrações, o comendador não ousou mais empregar a violência contra a pobre escrava e nem tampouco conseguiu jamais por outro qualquer meio superar a invencível repugnância que lhe inspirava. Enfureceu-se com tanta resistência e deliberou em seu coração perverso vingar-se da maneira a mais bárbara e ignóbil, acabrunhando-a de trabalhos e castigos. Exilou-a da sala, onde apenas desempenhava levianos e delicados serviços, para